

Categorias gramaticais e significação: aspectos morfológicos e taxonômicos dos zooemas em Bakairi (Karib Sul)

Evandro de Sousa Bonfim

Docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLLIND)/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-0459-928X>

evandrobonfim@hotmail.com

Introdução¹

De acordo com Franz Boas, a gramática seleciona quais os dados da experiência devem ser comunicados, usando, para tanto, categorias gramaticais específicas de acordo com a configuração de cada língua (Jakobson 2007). Embora todas as línguas possam expressar as diferentes noções com as quais os humanos codificam a realidade, a partir das mais diferentes estratégias linguísticas, as exigências particulares da gramática de cada idioma para a elaboração de enunciados apontam para questões mais amplas do que os aspectos estruturais das línguas. Segundo o etnólogo, toda diferença nas categorias gramaticais conduz informação semântica. Isto porque os conceitos gramaticais tomam parte nas operações do pensamento, que dizem respeito as especificidades não apenas linguísticas, mas também da cultura de cada povo (Jakobson 2007).

As questões semânticas mobilizadas pelas categorias gramaticais muitas vezes possuem escopo maior do que as próprias definições conceituais mais imediatas como, por exemplo, definitude ou propriedades aspectuais expressas morfológicamente. Neste sentido, o Bakairi, língua Karib meridional falada por cerca de 2 mil pessoas no estado de Mato Grosso, Brasil Central, combina processos de afixação funcionais que igualmente expressam lógicas classificatórias próprias da cosmologia deste povo. Neste sentido, destaca-se na gramática Bakairi a atuação do morfema *-do*, presente tanto de forma

1 O autor agradece a Daguimar Akueni e Valdo Xagope pelas discussões sobre a cosmologia e a língua Bakairi e a Ana Popp, Danilo Paiva Ramos e Marcos Lanna pela discussão sobre Etnologia Ameríndia, bem como a Karolin Obert pelo aporte à discussão linguística.

lexicalizada em algumas palavras Bakairi quanto de maneira produtiva em processos de composição e derivação, sobretudo de substantivos, evidenciando classes ontológicas afinadas com o pensamento indígena expresso nas narrativas mitológicas.

Na primeira sessão deste artigo será examinado o escopo do morfema *-do* como formativo nominal e sufixo atuante em processos gramaticais da língua que evidencia o tratamento diferenciado a certos itens lexicais. Na segunda sessão, será mostrada a relação entre a marcação linguística e aspectos da cosmologia Bakairi que diferenciam determinados entes como animais e artefatos com maior animacidade devido a participação em eventos míticos. Na última sessão, enfim, será dado destaque ao caráter filogênico do morfema *-do*, destacando a polifuncionalidade do formativo. Os dados serão apresentados segundo a ortografia Bakairi e as glossas linguísticas estão simplificadas.

O morfema *-do* em Bakairi: aspectos funcionais e semânticos

A língua Bakairi conta com o morfema *-do* como afixo taxonômico (Bonfim & Aguiar 2021) que circunscreve um campo semântico de entes, animais, objetos e categorias sociais, como possuidores de agência específica, associados aos traços [+animado], [+pessoa] e [+humano], aspectos semânticos que serão discutidos no decorrer do artigo. Como exemplo, tem-se os conjuntos {*ugondo* ‘homem’, *pekodo* ‘mulher’, *iamundo* ‘criança’}, {*udodo* ‘onça’, *agudo* ‘sucuri’, *anguido* ‘animais/seres originários’} e {*kahado* ‘banco’, *udo* ‘guerreiro’, *sodo* ‘dono’}, dentre outros (Bonfim 2018). Pode-se dizer que termos de relevância mitológica, ritual e social marcados pelo morfema *-do* (*-to) têm abrangência em toda família Karib, pois palavras reconstituídas para o Proto-Karib como **witoto* condensam significados como “pessoa” e “inimigo”, que se desdobram em instanciações específicas quando acedemos aos léxicos das línguas particulares, pois origina palavras como onça em Bakairi (*udodo*) e homem em Kuikuro (*itoto*).

Tal conjunto se mostra limitado, e, embora se possa recuperar o processo de formação de alguns termos, o morfema *-do* encontra-se relativamente lexicalizado – i.e. a função do afixo não parece mais transparente – nos itens que compõem área de significação.² Contudo, a função classificatória pode ser observada quando comparada com outro sufixo similar, que expressa a versão excessiva ou colossal de determinado ser, conforme a discussão dos modificadores linguísticos dos seres prototípicos em Yawalapiti discutidos por Eduardo Viveiros de Castro (2002a), e recentemente reanalisados por Tapi Yawalapiti (2020). No caso, trata-se do tema mitológico das hiper-mulheres, também presentes nas narrativas Bakairi:

2 Discussão mais ampla sobre o conjunto de palavras em Bakairi formado pelo constituinte *-do* vem sendo feita por Valdo Xagope (2021).

(1a) *peko-baym*
 +feminino +colossal
 “hipermulheres”

(1b) *peko-do*
 +feminino +humano
 “mulher”

Os dados apresentam morfologicamente a distinção entre dois tipos de seres femininos, mostrando que o morfema *-do* guarda ainda produtividade na língua. Conforme pode ser percebido, o morfema *-do* tem a função de corporificar ou personificar princípios abstratos em elementos não-humanos pela adição do traço [+animado], como no seguinte exemplo:

(2a) *inu*
 “sangue”

(2b) *inu-do*
 sangue- +animado
 “parente”

Além das palavras que trazem o morfema *-do*, o formativo deve aparecer no processo de sufixação do coletivizador *-modo* em determinados substantivos, criando classes distintas, por exemplo, em campos lexicais como de animais (mas também de coletivos humanos e de artefatos), indicando, a princípio, maior animacidade. É importante destacar que o próprio coletivizador *-modo* é composto do morfema de plural de verbos e pronomes (*-mo*) nominalizado pelo morfema *-do*, que, no caso, marca características próprias dos substantivos como capacidade de agência e personalidade em relação às classes gramaticais que recebem a flexão do plural.

(3a) *xupi*
 “pato”

(3b) *xupi-modo*
 pato-COL
 “bando de patos”

- (4a) *xew*
“quati”
- (4b) *xew-modo*
quati-COL
“bando de quatis”
- (5a) *kawida*
“arara”
- (5b) *kawida-do-modo*
arara-+animado-COL
“bando de araras”
- (6a) *semimo*
“morcego”
- (6b) *semimo-do-modo*
morcego-+animado-COL
“bando de morcegos”

Como pode ser visto nos dados (3)-(6), a formação do coletivo diferencia (*xupi*, *xew*) de (*kawida*, *semimo*), visto que os dois últimos recebem adicionalmente o morfema *-do*, promovendo diferenciação taxonômica entre os dois pares de bichos. O que distingue animais como o pato e o quati do morcego e da arara que justifique a marcação diferenciada, envolvendo, portanto, questões de significação no bojo da expressão obrigatória de categorias gramaticais, como discute Franz Boas? Por que a composição do coletivo ativa a sufixação de *-do*, tanto do ponto de vista das funções classificatórias quanto das funções gramaticais pertinentes à formação das palavras na língua realizadas pelo morfema?

A sessão seguinte vai responder tais perguntas de forma a detalhar aspectos da morfologia aglutinante do Bakairi que oferecem expressão gramatical para as concepções ontológicas provenientes da cosmologia do povo, conforme observadas nos mitos e nas unidades de significação que os constituem, seguindo os princípios da análise estrutural de Lévi-Strauss (2008).

Zooemas e a lógica classificatória da língua Karib

Zooemas são unidades míticas do nível sistêmico propostas por Lévi-Strauss em *A Oleira Ciumenta* (1987). Correspondem a funções $f(x)$ dentro de narrativas míticas geralmente desempenhada por animais (por isso zooemas). A função permanece a mesma a despeito da variação linguística, cultural e mesmo ambiental, podendo, contudo, haver variantes combinatórias do elemento (x) que a lineariza. Como exemplo o autor cita a função preguiça, que pode ser desempenhada pela própria preguiça (*Bradypus variegatus*) ou por outros animais como o bugio (*Aloutta guariba*), ou mesmo por heróis míticos, levando-se em conta a diferença de nichos ecológicos e configurações linguístico-cosmológicas. É importante destacar que, como na Fonologia, Lévi-Strauss aplica aos zooemas traços distintivos que o permitem situar as relações entre as unidades do sistema.

Contudo, como o objetivo de Lévi-Strauss estava em demonstrar a unidade do pensamento ameríndio, os zooemas se aplicam dentro de séries mitológicas, e não dentro do pensamento mítico próprios de cada povo. Portanto, propomos a categoria cosmoema (Bonfim 2018) como unidades de sistemas mitológicos particulares, abrangendo outros tipos de entes para além dos animais, como artefatos ou seres da sobrenatureza, e com ancoragem linguística em termos de definição de quais personagens míticos poderiam ocupar as funções dentro do sistema de narrativas. Contudo, como se deseja mostrar a incidência da lógica classificatória própria do pensamento Karib expressa na língua Bakairi em relação aos animais (*anguido*), será tratado aqui o zooema como caso específico de cosmoema, principalmente com o objetivo de aproveitar a discussão de Lévi-Strauss sobre a variação transcultural e translinguística do mito para se pensar questões intraculturais e intralinguísticas.

Animais que recebem o sufixo *-do* na formação do coletivo são protagonistas dos mitos de formação do povo Bakairi, podendo ser considerados zooemas. O mito, registrado e discutido por Von den Steinen (1942), Barros (2003), Bonfim (2018) e por autores Bakairi como Taukane (2013) e Kamikiawa (2021), dentre outros, conta a história do arranjo matrimonial entre a sogra onça *Mero* e o demiurgo *Kwamoty*, que promete filhas em casamento para não ser devorado. *Kwamoty*, contudo, não possui progênie, tendo que usar de habilidades xamânicas para criar mulheres a partir de árvores para se casarem com os homens onça. Apenas uma única união se concretiza com a mulher árvore que consegue chegar à aldeia das onças, gerando, posteriormente, os gêmeos sol e lua do qual descendem os Bakairi. O eixo principal da narrativa pode ser complementado por prólogos, epílogos ou relatos subsidiários desenvolvendo os sintagmas-chave da estrutura mítica (*mitemas*, segundo Lévi-Strauss 2008). São contados geralmente com fins

etiológicos, como, por exemplo, a origem da música das flautas, executadas pelos irmãos-onça por ocasião da cerimônia matrimonial (Kamikiawa 2021), que pertence ao complexo do mitema «extravio das esposas no caminho para a aldeia das onças».

No caso do morcego e da arara, animais marcados com maior animacidade na formação do coletivo (conforme discussão dos exemplos (3)-(6)), tive a oportunidade de ouvir duas vezes a parte do mito que protagonizam: na primeira oportunidade, como prólogo ao encontro de *Kwamoty* e *Mero*, para explicar os poderes xamânicos do demiurgo; e, na segunda, a origem do Joelho nos humanos, conforme narrativa realizada pelo *pyagi* (xamã) Vicente Kutaiava (Bonfim 2018). Trata-se da história da moça que não queria se casar com nenhum pretendente indicado pela família. Ela se interessava apenas pelo seu xerimbabo, a arara (*kawida*). Ocorre que todas as noites, escondido na arara, estava *semimo*, o morcego. A moça acaba engravidando do morcego que resolve não assumir a paternidade, trazendo conflitos para a comunidade. Depois que a criança, *Kwamoty*, nasce, e diante da negativa da mãe em revelar o pai de seu filho, resolve-se fazer um teste com todos os homens da aldeia. Como a criança era mágica, saberia reconhecer o pai entre os candidatos dispostos no pátio central. Ao se dirigir de braços abertos para *semimo*, ele lhe nega o abraço e a criança cai, quebrando a perna que era como a das aves, e dando origem a articulação do Joelho. Na segunda vez que ouvi a narrativa, o trecho encontrava-se no contexto de explicação do porquê as regras de casamento devem ser seguidas.

Do ponto de vista gramatical, todo coletivo de elementos marcados pelo traço [+animado] deve trazer o sufixo *-do* indicando a maior animacidade. Em termos da estrutura da palavra, o morfema de animacidade se posiciona antes do coletivizador. A animacidade refere-se ao traço semântico atribuído a componentes linguísticos que, de acordo com as configurações próprias de cada língua em particular, tende a se comportar gramaticalmente como actante ou agente. Mesmo quando recebe papel temático de paciente ou ocupa a função sintática de objeto, o item gramatical ou lexical com o traço [+animado] pode expressar proeminência em relação ao elemento que apresenta o valor negativo, como no caso das hierarquias pronominais presentes em diversas línguas Karib (mas não no Bakairi). Em geral, as línguas apresentam o que se chama, a partir do trabalho de Silverstein (1976), de “hierarquia de animacidade”, que prevê quais categorias funcionais, terminológicas e ontológicas da língua possuem mais agência na gramática, com destaque para os pronomes pessoais, termos de parentesco e o que for relativo ao humano.

Embora não se baseie em critérios biológicos, predomina no entendimento da escala de animacidade a divisão entre animado e inanimado inerente ao pensamento

ocidental, que considerava “animista” ou “fetichista” a distribuição de agência entre elementos considerados inertes como pedras ou fabricados como artefatos pelas culturas submetidas a empresa colonial. O processo de separação entre “sujeitos” e “objetos”, chamado por Latour (1994) de “purificação”, é fundamental para a noção de “moderno” que caracterizaria as sociedades ocidentais. Assim, a escala de animacidade funciona com concepções *a priori* de quais categorias ocupariam os estratos mais baixos com menor agentividade. As divisões são ainda generalistas, pois pressupõem abrangência da ordem inteira dos seres categorizados, e universalistas, pois não são construídas a partir das lógicas classificatórias próprias de cada povo e codificadas nas línguas, as quais de maneira nenhuma podem ser encaradas como meras idiossincrasias. Conforme demonstrado ao longo deste artigo, a lógica classificatória ameríndia não apenas confere animacidade a categorias inesperadas do ponto de vista ocidental, mas apresenta outros critérios para a divisão e localização dos entes dentro de cada ordem ontológica, havendo componentes da língua que podem ser considerados, ao mesmo tempo, animais, objetos e mesmo pessoas gramaticais, coalescendo as distinções que sustentam a estrutura da hierarquia de animacidade, como se verá logo a frente a propósito do complexo semântico enfeixado pelo zooema *udodo*.

A existência da regra gramatical permite ampliar o campo semântico formado pelas palavras que trazem o morfema *-do*, recobrando, no caso, os zooemas do sistema mitológico Bakairi. É interessante destacar a consistência entre a sufixação pelo morfema *-do* dentro dos processos de coletivização gramatical por *-modo* e a posição de destaque na narrativa mítica de referência dos itens que recebem a marcação morfológica, o que em muitos casos mostra a complexidade envolvida na definição do táxon *anguido*. Por exemplo, sabe-se da importância ritual, social e cosmológica das flautas, sobretudo para o contexto alto-xinguano, de onde procedem antepassados próximos de muitos Bakairi atuais. Como os zooemas, as flautas também recebem a sufixação indicativa de maior animacidade na formação do coletivo:

(7a) *tadâwan*
“flauta”

(7b) *tadâwan-do-modo*
flauta-+animado-COL
“flautas”

Como destaca Barcelos Neto (2021), flautas estão estreitamente relacionadas com os espíritos jaguares dentro do modelo de socialidade por adoecimento própria do complexo dos espíritos *Apapaatai*, que exige a confecção de artefatos (máscaras e aerofones) e a realização de rituais para promover a cura e consolidar a relação entre os Wauja, povo Arawak no Alto Xingu, e os seres da sobrenatureza. Conforme aludido anteriormente, as flautas *tadâwan* são trazidas para os Bakairi pelos irmãos-onça que as tocam por ocasião do casamento com as mulheres-árvores, sendo que as próprias flautas atuam como amplificadores dos sons provenientes dos corpos de cada um dos cinco irmãos durante a dança (Kamikiawa 2021: 65). Assim, *tadâwodomodo* corresponde ao coletivo formado por cinco flautas concebidas como irmãos tal qual os noivos jaguares.

Os atributos, personagens e situações associados ao coletivo de irmão-onças pelo mito mostram como, dentro da área de significação circunscrita por *-do*, existem subcampos semânticos que evidenciam como o morfema vai compondo pessoas no sentido ameríndio, a partir de princípios básicos como os elementos do discurso (pessoas gramaticais) e parentesco. No caso do **witoto* (pessoa) do Proto-Karib, tem-se os seguintes conjuntos de reflexos em Bakairi, com significado discutido anteriormente: (*udo, ugondo (*ukoroto), udodo*). A base para as palavras reside no afixo *u-*, o índice verbal de primeira pessoa singular, com cognatos em diversas línguas Karib (transcrito como *w-* em Hixkaryana, Wai-Wai e Ye'kwana, dentre outras, marcando o agente de verbo transitivo). Como pronome independente, a primeira pessoa singular ocorre na forma «*urâ*», com cognatos em outros sistemas pronominais Karib (*uro* em Ikpeng, *uge* em Kuikuro e *ura* em Hixkaryana. Ver Bonfim (2015) para a discussão comparativa entre os sistemas pronominais das línguas Karib Sul). O afixo *u-* ocorre na saudação tradicional Bakairi:

(8a) *â-da-ma?*
2SG-ir-NEG
“Você não vai?”

(8b) *u-da-pa!*
1SG-ir-NEG
“eu não vou!”

A importância ontológica do intercâmbio entre as posições «EU» e «NÃO-EU (TU)» na cena enunciativa tem sido apontada desde Benveniste (1989), e discutida no âmbito da etnologia ameríndia a partir da noção de “pronome cosmológico” (Viveiros de Castro 1999) diante da importância do valor pronominal dos etnônimos para as concepções de

alteridade indígena. Assim, a forma Proto-Karib **witoto* para pessoa tem valor pronominal, como os etnônimos discutidos por Viveiros de Castro, que costumam significar “gente de verdade”, possuindo não propriedades essenciais, mas posicionais: o “nós” em oposição aos “eles”. A própria autodenominação Bakairi, *Kurâ*, provém da primeira pessoa dual inclusiva e quer dizer também gente (Bonfim 2015), estando relacionada ao mito da metamorfose dos seres originários *anguido* conforme a cosmogonia Bakairi (Souza 1999).

Assim, a partir do traço [+1ª pessoa], tem-se a seguinte formação de palavras pelo morfema *-do*:

- (9) *u* [+1ª pessoa]
u+do “guerreiro, indígena”
u+ko+do “homem”
u+do+do “onça”

O zooema «UDODO» (proto-Karib **witoto*) é um feixe de traços semânticos {[1ª pessoa], [parentesco], [animado]} que pode se atualizar a partir de formas linguísticas que devem trazer obrigatoriamente os traços de primeira pessoa e de animacidade. O traço de parentesco ocupa a segunda posição (morfema *-ko*).

É interessante como o subcampo, seguindo a própria lógica de abertura do mito que neutraliza e recria em outros termos as oposições estruturantes, contém itens que carregam as nuances ontológicas mobilizadas ao se assumir determinada posição pronominal (similaridade do EU/alteridade do NÃO-EU (TU) ou da NÃO-PESSOA (eles, outros)), se os termos forem pensados do ponto de vista da família Karib, pois se os mitos “se pensam entre si”, como diz Lévi-Strauss, as línguas também se pensam entre si. Conforme dito, **witoto* do Proto-Karib vai ter como correspondente em Kuikuro a palavra para homem (*itoto*), enquanto em Bakairi se tem o termo para onça (*udodo*). De acordo com o mito, homens são por definição onças, o que aponta para critérios próprios derivados da lógica do pensamento ameríndio para se pensar a questão dos cognatos entre línguas indígenas do mesmo agrupamento genético. Conforme visto em (9), os mesmos componentes estruturais que conformam a palavra “onça” em Bakairi estão presentes em “guerreiro” e “indígena”, bem como em “homem”, este acrescido da partícula *-ko*, presente nos vocativos de parentesco.³ Assim, consideramos o paradigma em (9) como

3 Os termos de parentesco ascendentes em Bakairi trazem o formativo *-ko~go*, como “mãe” (*seko*) e “pai” (*xogo*). Para Von den Steinen (1942) tal associação permite entender a formação da palavra para mulher, a partir de um antigo termo de parentesco Karib para “irmã” (*peko*). Ternos de parentescos são inalienáveis (*y-se* ‘minha mãe’). Do ponto do mito de referência para a análise linguística feita no artigo, as mulheres são um grupo de irmãs e os homens um grupo de irmãos, precedendo, pois, o parentesco ao gênero.

um gradiente da pessoa Bakairi que vai e volta da pessoa gramatical (o pronome “eu”) à pessoa magnificada (onça), com os termos intermediários combinando personificações e potências possíveis dentro dos sentidos condensados pelo cosmoema. O cosmoema pode ser entendido como um símbolo condensado (*sensu* Freud), que carrega em si as oposições que vão ser desdobradas pelo mito.

O termo **witoto* aparece sob a forma *witoto* em línguas como o Tyrió para se referir a “humano” e “pessoa”, sentido próximo, portanto ao termo reconstruído para a protolíngua. Porém, em tais línguas a palavra possui também conotações pejorativas, podendo ser usada para designar grupos rivais. Tal acepção vai dar origem a exodenominação dos povos Witoto pelos Carijona, povo Karib que deixa a área das Guianas para se estabelecer na Colômbia, com os quais os primeiros guerreavam. No mito, a neutralização da oposição jaguar:árvore (que condensa outras oposições como irmãos:irmãs/homem:mulher/bicho:humano) proporcionada pelo matrimônio e pelo nascimento dos gêmeos Sol e Lua reaparece com a retomada do caráter antropófago do jaguar, pois a sogra onça acaba por devorar a nora, ocasionando posteriormente o quase extermínio do coletivo *udodo* pelos filhos que desejam vingar a mãe. Assim, se em Bakairi o subconjunto *udodo* do campo semântico do morfema *-do* traz da posição do indígena, como no caráter pronominal dos etnônimos, no plano dos cognatos existentes em outras línguas Karib pode-se recuperar a tensão opositiva original presente no mito.

Contudo, o morfema *-do* não atua apenas como marca que indica proeminência mitológica ou cosmológica, pois possui caráter filogênico ao atuar como formativo que conforma novas classes de seres.

Morfema filogênico polifuncional

Ademais de tomar parte no processo gramatical de coletivização indicando os entes carregados de animacidade mítica, o morfema *-do* está presente na formação de coletivos ordinários, marcados com o traço [+animado] por se tratarem de humanos. Mas, conforme ilustra os exemplos (2a-b), o morfema não atua apenas como marcador de animacidade, possuindo caráter filogênico, pois ele cria tipos de pessoas que vão formar grupos que compartilham a mesma singularidade.

(8a) *menru*
“jenipapo”

- (8b) *menru-modo*
jenipapo-COL
“jenipapal”
- (8c) *menru-do-modo*
jenipapo-+animado-COL
“gente jenipapo” (Bakairi de Santana)
- (9a) *sakumairo*
nome próprio
- (9b) *sakumairo-do-modo*
sakumairo-+animado-COL
“pessoal da Sakumairo”
- (9c) **sakumairomodo*

Ao se comparar os dados (8b-c), pode-se observar que na formação do coletivo em que ocorre a sufixação de *-do*, o morfema não apenas marca o traço [+animado], visto que ele cria o próprio táxon «jenipapo [+animado]» ou «MENRUDO» inexistente antes da realização da coletivização gramatical, pois a língua conta como morfema livre ou palavra apenas o item «MENRU» ou «jenipapo [-animado]», a fruta que agora se opõe à pessoa-jenipapo cujo coletivo equivale a um dos grupos que compõe o povo Bakairi.

No que diz respeito ao nome próprio *Sakumairo*, referente a uma humana, a marcação da animacidade seria implícita. Contudo, o coletivo de *Sakumairo* não diz respeito a múltiplas cópias dela nem muito menos a muitas pessoas com o mesmo nome, algo impossível devido as regras onomásticas que atribuem determinada denominação pertencente ao estoque patronímico familiar a poucos indivíduos vivos por vez, geralmente apenas um único. Antes, o composto formado por *Sakumairo+do* diz respeito a um tipo específico de pessoa, cujo coletivo corresponde à família corresidente ou próxima.

A derivação promovida pelo morfema *-do* diz respeito a transformar certas substâncias e qualidades em gente. Haveria, portanto, certa relação metonímica entre a palavra primária e a palavra derivada, evidenciada pelo compartilhamento de determinado princípio agora personificado (Bonfim 2018:19).

Portanto, consideramos que o morfema *-do* não apenas possui efeitos taxionômicos em campos semânticos de seres tanto como formativo integrante da raiz nominal quanto como sufixo que aparece na formação de coletivos de entes aos quais se atribuí o traço [+ animado], conforme discussão ao longo do artigo. Eventuais palavras que combinem morfema lexical + *-do* não são flexão de plural nominal, mas se referem à categoria taxionômica de caráter geral. Trata-se de um morfema polifuncional que guarda a produtividade similar à da *poiesis* mítica, matriz geradora e transformadora de categorias ontológicas.

Conclusão

Ao pedir aos interlocutores Bakairi que me fornecessem os coletivos apresentados no artigo, houve discussão sobre quais animais receberiam o morfema *-do* por conta do processo gramatical. A diferença de percepção de qual animal teria mais animacidade, ou, em termos antropológicos quais animais seriam mais *gente*, vai ser atribuída à diferença que os não-indígenas localizam na distinção entre gênero masculino e feminino. “Você fala assim porque você é mulher, e mulheres vêm das árvores, enquanto os homens vieram das onças”, disse o interlocutor masculino. Trata-se não apenas de diferença intraespecífica, mas interespecífica, de repercussão linguística, mas igualmente social e cosmológica, como mostra a oposição “chefe jaguar”/“chefe árvore” discutida por Carlos Fausto (2017) concernente ao sistema político e ritual xinguano.

Por fim, prevalece a percepção da “chefe árvore”, cuja linha narrativa lida mais diretamente com os animais envolvidos na disputa que excede a questão gramatical, pois envolve conflitos elaborados pelos mitos que são estruturantes para a cosmologia Bakairi. Desta forma, deve-se atentar para a dimensão interacional da definição e mobilização de categorias linguísticas. A aplicação das categorias linguísticas conforme as configurações gramaticais de dada língua, muitas vezes se enfeixa a processos de significação que se conformam a partir de lógicas particulares de pensamento, como a mitológica ameríndia. Assim, o presente artigo buscou retomar o esforço pioneiro de Franz Boas ao considerar os aspectos linguísticos formais como integrantes do trabalho etnográfico de descrição e análise das categorias de pensamento da alteridade.

Abreviações

* forma reconstruída/dado agramatical; ~alomorfia; COL coletivizador; NEG negação; 1SG primeira pessoa do singular; 2SG segunda pessoa do singular

Referências

- BARCELOS NETO, Aristóteles. 2021. "A flauta-jaguar e outros aerofones wauja: uma contribuição xinguana ao instrumentarium zoológica Amazonia". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas*, 16(3): 1-19.
- BARROS, Edir P. de. 2003. *Os Filhos do Sol*. São Paulo: Edusp.
- BENVENISTE, Émile. 1989. *Problemas de linguística geral II*. [Tradução de Eduardo Guimarães et al]. Campinas: Pontes.
- BONFIM, Evandro S.; AGUIAR, Maycon. S. 2021. "Categorias ontológicas e afixos taxonômicos em línguas ameríndias". *Revista Científica UBM - Barra Mansa (RJ)*, 23(45): 26-36.
- BONFIM, Evandro S. 2015. "A Pessoa Inclusiva em Bakairi. Morfologia Pronominal e Ontologia em Línguas Karib". *Espaço Ameríndio*, 9(1): 35-53.
- BONFIM, Evandro S. 2018. "Como o Narrador e a Língua Estruturam o Mito: as Interferências no Conto Bakairi 'A Onça e o Tamanduá'". *Revista del Museo de Antropología*, 11(1): 17-24.
- FAUSTO, Carlos. 2017. "Chefe Jaguar, Chefe Árvore. Afinidade, Ancestralidade e Memória no Alto Xingu". *Mana* 23(3): 653-676.
- KAMIKIAWA, Eric T. 2021. *Imyrâkâ. Tadâwa Kurâ-Bakairi*. Editora Apris: Curitiba.
- JAKOBSON, Roman. 2007. "A Concepção de Significação Gramatical segundo Boas". In: I. Blikstein; J. P. Paes (trads.), *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix. pp. 87-97.
- LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008[1958]. "A Estrutura dos Mitos". In: *Antropologia Estrutural I*. São Paulo: Cosac & Naify.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1987. *A Oleira Ciumenta*. Lisboa: Edições 70.
- SILVERSTEIN, Michael. 1976. "Hierarchy of features and ergativity". In: Dixon, R.M.W. (ed.), *Grammatical categories in australian languages*. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies, pp. 112-171.
- SOUZA, Tânia C. 1999. *Discurso e Oralidade: um Estudo em Língua Indígena*. Niterói: MCII/UFF.
- TAUKANE, Isabel. 2013. *Na Trilha das Pekobaym Guerreiras Kura-Bakairi: de mulheres árvores ao associativismo do Instituto Yukamaniru*. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. "Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio". *Mana*, 2(2): 115-143.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify.

VON DEN STEINEN, Karl. 1940. *O Brasil Central: expedição de 1884 para a exploração do Xingu*. São Paulo: Companhia Ed. Brasileira.

XAGOPE, Valdo. 2021. *Organização do Léxico em Bakairi*. In: Apresentação ao SEPLA, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

YAWALAPITI, Tapi. 2020. *Fundamentos para uma gramática e dicionário bilíngue da língua Yawalapíti: uma língua que não deve morrer*. Dissertação de Mestrado. PPGL, Universidade de Brasília.

Recebido em 27 de abril de 2022.

Aceito em 09 de agosto de 2022.

Categorias gramaticais e significação: aspectos morfológicos e taxonômicos dos zooemas em Bakairi (Karib Sul)

Resumo

Para Franz Boas, fundador da Antropologia e da pesquisa linguística em idiomas ameríndios, o acionamento de categorias gramaticais carrega informações semânticas que apontam para as categorias de pensamento a partir das quais a língua se organiza e se singulariza. Este artigo tem como objetivo analisar as concepções mobilizadas pelas operações gramaticais envolvendo o morfema *-do* da língua Bakairi, pertencente à família Karib Sul. Dados relativos à formação de coletivos de animais e artefatos como flautas mediante a sufixação do morfema *-do* apontam para o recurso à lógica classificatória do mito, organizada em unidades de sistema denominadas por Lévi-Strauss de zooemas.

Palavras-chave: Linguística Antropológica; Mito, Zooemas; Línguas Ameríndias.

Grammatical categories and meaning: morphological and taxonomic aspects of zooemes in Bakairi (South Karib)

Abstract

For Franz Boas, one of the founders of anthropology and linguistic research in Amerindian languages, obligatory grammatical categories are related to semantic information related to categories of thought which are specific to each language. The aim of this article is to discuss which configurations of meaning are at stake in grammatical operations involving the morpheme *-do* of the Bakairi language (South Karib Family). As example, we have the collective of animals, artifacts, spirits and social categories through the suffixation of the morpheme *-do*, which points out to the use of the classificatory logic of the myth, organized into system units called zooemes by Lévi-Strauss.

Keywords: Anthropological Linguistics; Myth, Zooemes; Amerindian Languages.